

SÃO PAULO, 11 DE ABRIL DE 2000

DIÁRIO POPULAR

Em Thief você será obrigado a viver no mundo do crime

INFORMÁTICA

LANÇAMENTOS
 As novidades em produtos e programas

PÁG. 8

TERÇA-FEIRA

Índio quer teclar!



PAÍS tem 300 mil índios

Povos indígenas entram na luta pelo acesso à rede mundial de computadores para poder trocar informações com outras etnias e divulgar sua cultura em todos os cantos do planeta

GIO MENDES

Os índios brasileiros foram seduzidos pelo homem branco na época da colonização com uma série de quinquilharias. Para conquistar a confiança do indígena, os colonizadores ofereciam apitos e espelinhos. Quase 500 anos depois, os primeiros habitantes do Brasil dispensam esses apetrechos e querem ter acesso a equipamentos mais modernos que, segundo eles, poderão ajudar a resgatar a cultura de seus povos: computadores conectados à Internet.

Segundo dados do site do Instituto Socioambiental (www.socioambiental.org/povibd/), organização não-governamental (ONG) que desenvolve diversos projetos com os índios do Brasil, existem hoje aproximadamente 210 povos indígenas. Com exceção do Piauí e Rio Grande do Norte, os cerca de 300 mil índios de diferentes etnias estão distribuídos em diversas aldeias do País. Será que algum dia pelo menos metade deles poderá se tornar um ciberíndio?

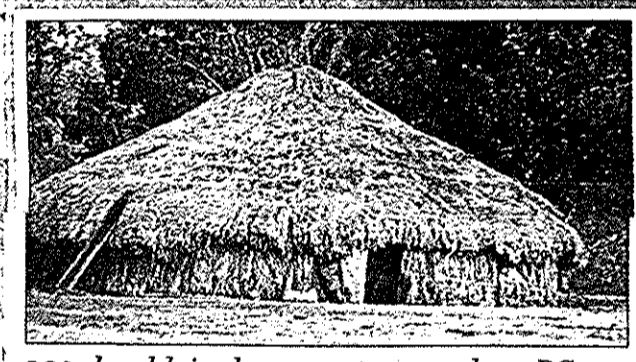
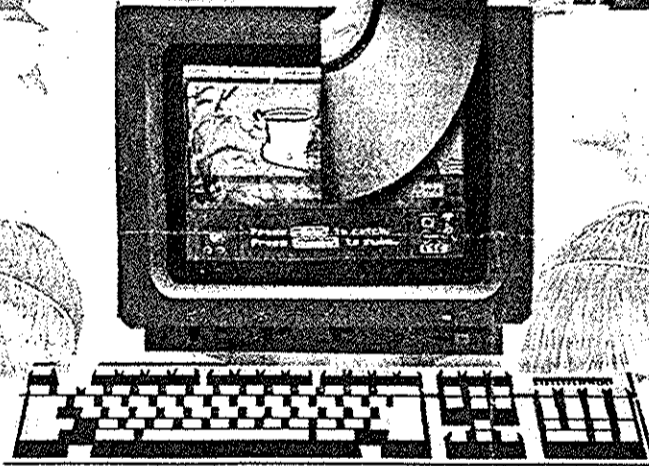
Na opinião de Frederico Barros Pankararu, presidente da Associação Indígena Pankararu, a grande maioria dos índios levará anos para ter acesso à Internet. "O indígena ainda vive em condições precárias no País", diz o líder da comunidade formada por 950 índios originários de Pernambuco, mas que moram em favelas de São Paulo. "Mas espero trocar o velho computador da associação nos próximos 90 dias para colocar a história do meu povo na rede, contando com a ajuda de nossos jovens parentes que estão se formando em cursos superiores", prevê Frederico.

O acesso à Internet não deverá chegar em apenas

três meses para os mais de 500 índios guaranis que vivem em Parelheiros, Zona Sul de São Paulo. A secretária da Associação Indígena da Aldeia Morro da Saudade (Aigams), Sônia de Souza Aramirim, diz que seu povo precisaria ter mais ajuda do governo para obter computadores. "O que usamos para digitar documentos dos índios é velho e sempre trava", conta a tímida Sônia.

O xavante Jesus Tserenihhi levou apenas 15 dias para aprender computação no Colégio Cotiguara, em Presidente Prudente, Interior de São Paulo, em um intercâmbio realizado entre a escola e a tribo Dom Bosco, de Mato Grosso. Encantado com as imagens na tela do computador, o jovem indígena de 16 anos teve a idéia de produzir um CD-ROM sobre a cultura de seu povo. Com apoio da Delegacia Regional de Cultura de Presidente Prudente, o CD A Cultura dos Índios Xavantes nos 500 Anos do Brasil foi lançado em fevereiro com tiragem de 500 cópias.

"Meu sonho é ganhar um computador e levá-lo para minha aldeia", diz Jesus, que embarca em maio para os Estados Unidos, já que seu trabalho na produção do CD-ROM ganhou um concurso internacional, destacando-se como um dos melhores projetos desenvolvidos em prol de uma comunidade em 1999. "Com o CD estou ajudando a mostrar a cultura da minha tribo para outros povos", completa Jesus, empolgado com a viagem. O Colégio Cotiguara procura patrocínio para imprimir mais 50 mil cópias do CD e distribuí-los gratuitamente em escolas e universidades públicas, que poderão solicitar informações pelo e-mail caltechi@prudenet.com.br.



OCA da aldeia do xavante que adora PCs



LÍDER dos pankararus em São Paulo quer ter acesso à Internet



ÍNDIOS estão em CD-ROM



CD tem várias fotos

Tribo quer lançar página na Internet

Os índios ashaninka do Acre, região Norte do Brasil, querem se conectar à rede mundial de computadores para levar sua cultura ao mundo e divulgar o CD com músicas de sua aldeia. Em matéria divulgada pela agência de notícias Agence France-Press (AFP), o pajé da tribo, Benke Pianko afirmou que, para seu povo, "é importante que todos conheçam a cultura dos ashaninka nas cidades dos brancos".

O CD, cujo título provisório é Homabani Ashaninka (Voz dos Ashaninkas) trará músicas cantadas em arawk — língua da etnia — durante os rituais religiosos. O maestro Jacques Morelebaum é o responsável pela direção dos 10 indígenas que interpretarão as canções. Os CDs deverão ser vendidos em espetáculos e pela Internet. O pajé disse para a imprensa que os ashaninkas estão em busca de patrocinadores para o projeto, aprovado pe-

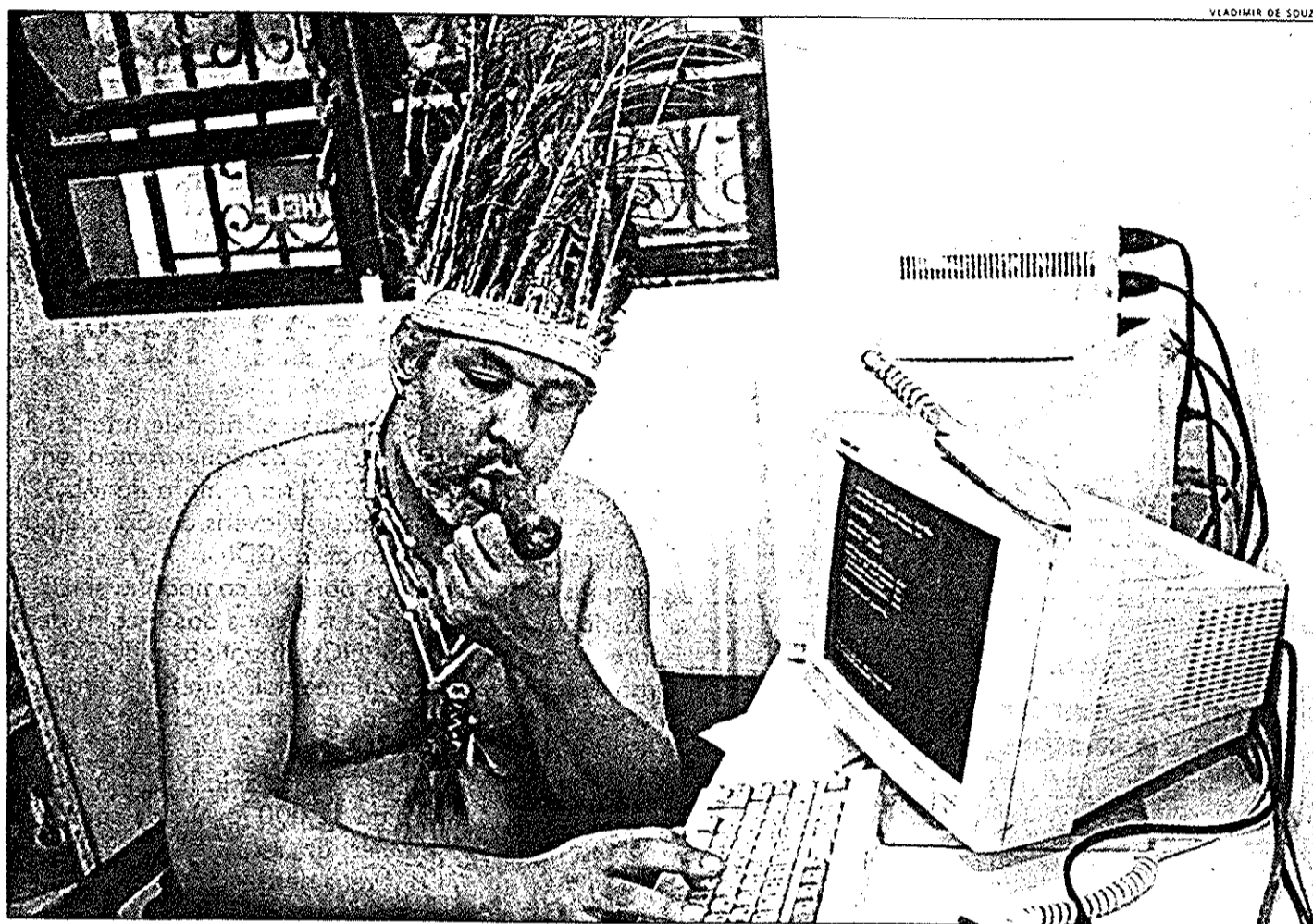
lo Ministério da Cultura e que inclui a realização de um documentário.

"Já conseguimos a metade dos 60 mil dólares necessários para a produção de mil CDs, a criação do site de nossa tribo e a realização de um videoclipe de um documentário", afirmou Pianko. O governo do Acre e comerciantes com estabelecimentos em cidades próximas à reserva de Apiwta, onde vivem 850 ashaninkas, devem contribuir para o projeto indígena. Segundo o texto da AFP, os ashaninkas do Peru (entre 30 mil e 50 mil índios da etnia vivem no País de Alberto Fujimori) já navegam pela rede mundial de computadores. Um dos objetivos de Pianko é ter acesso à Internet para poder manter contato por e-mail com os índios peruanos. Ainda não há previsão para o lançamento do site dos indígenas.

Você pode ganhar dinheiro navegando
 PÁGINA 7

Atrações paulistas estão na rede
 PÁGINA 7

Pankararu e guarani defendem uso de PCs



FREDERICO espera que nos próximos noventa dias o site com a história dos índios pankararus esteja disponível na Internet



SÔNIA usa computador apenas para digitar documentos



ÍNDIOS guaranis sobrevivem com a venda de artesanatos

Fazer parte de uma imensa aldeia global é a vontade de índios das tribos pankararu e guarani de São Paulo. Eles defendem que o uso de computadores conectados à Internet contribuirá para divulgar as diferentes culturas indígenas do País, além de favorecer a comunicação com várias tribos no mundo.

Para Frederico Barros Pankararu, presidente da Associação Indígena Pankararu, os computadores não devem ser um privilégio apenas dos caras-pálidas. "Os índios precisam ter e-mail e acesso à Internet como os não-índios, o que não significa que irão abandonar suas tradições. Ao contrário. É uma maneira de mostrar ao mundo a cultura de nosso povo", afirma o líder indígena.

Apesar das dificuldades enfrentadas pelos pankararus em São Paulo — de acordo com Frederico, 950 índios da etnia vivem em favelas de São

Paulo, 80% deles em alojamentos no Real Parque, Zona Sul —, Frederico prevê que em 90 dias conseguirá colocar o site da tribo na Internet. "Com a ajuda dos jovens parentes que estão se formando em cursos superiores, a história dos pankararus poderá ser conhecida pela Internet".

Na opinião de Frederico, a força de vontade do pankararu é o que mais o motiva nessa empreitada. "Como não recebemos apoio de órgãos governamentais, faremos o possível para conquistar esse espaço", conta Frederico. "Vamos ganhar essa concorrência, como alguns pankararus que lutaram para se formar advogados, pedagogos e jornalistas. Tudo o que nosso povo faz é em busca de benefícios para a comunidade", completa.

Enquanto a Internet não chega, Frederico continuará usando seu velho PC 386 para digitar ofícios para a Funda-

ção Nacional do Índio (Funai) solicitando verbas para a comunidade. "Além disso, uso o computador para fazer o censo dos pankararus em São Paulo de cinco em cinco meses, já que muitos viajam para visitar parentes em nossa aldeia, que fica em Brejo dos Padres, em Pernambuco".

A página dos pankararus na Internet deverá contar a dura situação dos integrantes da tribo, que migram para São Paulo desde 1950 em busca de trabalho. Danças como o Toré, uma exaltação aos deuses com pedidos de proteção e saúde, e músicas da tribo não deverão ficar de fora. "Infelizmente muitos pankararus não sabem falar o idioma da tribo, já que nossos ancestrais tinham medo de ensiná-lo ao filho por correr o risco de ter a língua cortada pelos colonizadores", lamenta Frederico.

Secretária da Associação

Indígena da Aldeia Morro da Saudade (Aigams), a índia guarani Sônia de Souza Aramirim acredita que os índios não perderão sua identidade a partir do momento que tiverem acesso aos computadores. Ela afirma que sempre recorre ao PC para digitar ofícios da Funai ou preparar documentação dos guaranis que vivem na aldeia de Parelheiros, Zona Sul. "É muito mais rápido para escrever. Mas quando ele trava, uso uma máquina de datilografar", afirma.

Como os membros da comunidade vivem em condições precárias, sobrevivendo com a venda de artesanatos e a plantação em suas terras, Sônia acredita que o acesso dos guaranis à Internet ainda está longe de acontecer. "A Internet pode ajudar no resgate de nossa cultura, mas precisamos ter apoio do governo para conseguir computadores", diz Sônia, que também dá aulas

para crianças de sua tribo, mesmo sem ser considerada professora pelo Estado. "Não aceitam índio como professor por causa do magistério, mas mesmo assim ensino a escrita

e a história guarani para nossas crianças", finaliza a professora da Aldeia Morro da Saudade, sem saber responder se usaria a Internet na sala de aula.

Xavante conquista o mundo

Ele tinha 15 anos quando aprendeu a usar um computador em duas semanas e levou apenas quatro meses para realizar um CD-ROM sobre os hábitos e costumes de seu povo. Por esse feito, venceu um concurso internacional e está preparando suas malas para viajar aos Estados Unidos, no dia 7 de maio, onde passará três dias no Walt Disney World Resort, na Flórida.

O personagem em questão não é nenhum garoto que cresceu em um grande centro aprendendo a usar novas tecnologias, mas sim um índio xavante chamado Jesus Tserenhihi, hoje com 16 anos. O jovem indígena saiu de sua aldeia em Mato Grosso, no início de agosto do ano passado, para participar de um intercâmbio cultural entre sua tribo e os alunos do Colégio Cotiguará, de ensino infantil e fundamental, em Presidente Prudente, Interior de São Paulo.

Acompanhado do irmão Plínio e do primo Hermes, Jesus chegou ao colégio na semana do dia dos pais. Ao ver um CD-ROM que a escola havia preparado com imagens dos alunos para a comemoração da data, o xavante ficou encantado. "A

primeira coisa que o Jesus queria saber é se era possível ele fazer um CD semelhante com imagens de seu povo. Eu respondi que sim, mas que era preciso aprender a linguagem do computador", relembra Edna Maria Cantos, professora de ensino médio e coordenadora do projeto Intercâmbio Cultural Xavante.

"Quando vi o computador pela primeira vez, levei um susto. Pedi para a professora me ensinar a usá-lo porque gostei das imagens que apareciam na tela", conta Jesus. Edna afirma que o entusiasmo do xavante em conhecer a máquina era tão grande, que ele precisou apenas de 15 dias para "entrar, sair, digitar textos e usar a Internet". "Matriculamos os três xavantes na escola de informática e o Jesus começou a trabalhar na produção do CD-ROM com o programa educativo Visual Class", diz Edna.

Os alunos do Colégio Cotiguará foram para a aldeia Dom Bosco, em Mato Grosso, para colaborar com a produção do CD-ROM A Cultura Xavante nos 500 Anos do Brasil. José Eduardo Pereira de Souza, diretor administrativo da escola, ressalta que todo o conteúdo



JESUS quer levar um computador para sua tribo em Mato Grosso para ensinar informática ao seu povo

do CD (textos, imagens e sons) é de responsabilidade de Jesus e seu pai, o cacique Domingos Mahoroê. "Todo o trabalho foi realizado por dois xavantes, sem a interferência dos não-índios", destaca José Eduardo.

O trabalho de Jesus é um dos vencedores do programa Sonhadores do Milênio, patrocinado pelas empresas McDonald's e Disney, com apoio da Unesco. O concurso reunirá 2 mil jovens de 117 países para participar de um fórum como líderes do amanhã (nos dias 8 e 9 de maio) e brincar no parque da Disney (dia 10). Hoje uma equipe da Disney filma Jesus com seus

amigos do Colégio Cotiguará. Domingo e ontem, a empresa gravou cenas do dia-a-dia do xavante e de seu povo na aldeia de Mato Grosso.

O tímido Jesus afirma que não vê a hora de mostrar seu trabalho no evento e que sente saudades dos amigos e computadores da escola de Presidente Prudente. "Querida levar um computador para a aldeia e ensinar meu povo a usá-lo". Questionado sobre a Internet, ele disse que não lembrava "o que era isso". Ao ouvir a explicação, respondeu que conhecia muito pouco sobre a Web. "Mas vou aprender para divulgar minha tribo ao mundo", diz decidido.

Cultura indígena na grande rede

REPRODUÇÃO

SITE do Isa é um dos mais completos sobre a cultura dos índios

A cultura indígena está presente na rede mundial de computadores em dezenas de sites. Enquanto os índios ainda não têm acesso à Internet para a criação de suas próprias páginas, o internauta poderá conhecer sua história por meio dos endereços de órgãos do governo e de associações não-governamentais (ONGs).

O site do Museu do Índio (www.museudoindio.org.br) — entidade científico-cultural da Fundação Nacional do Índio (Funai) — traz a história do órgão criado pelo antropólogo Darcy Ribeiro em 1953, no Rio de Janeiro, para a divulgação da cultura dos primeiros habitantes do País. O usuário poderá acessar fotos e vídeos de tribos indígenas e comprar peças artesanais na Loja Artíndia.

As crianças vão encontrar no site do Museu do Índio várias informações para trabalhos escolares e um espaço em que poderão copiar desenhos para colorir, além de conhecer as principais brincadeiras dos curumins. O idioma dos índios pode ser conferido no link Dicionário Básico de Línguas Indígenas do Brasil.

Um dos sites mais completos sobre a cultura dos índios é o do Instituto Socioambiental (ISA). O endereço [cioambiental.org/povind/ tem dados sobre a quantidade de índios no País e como eles estão espalhados pelos Estados brasileiros. O objetivo do ISA é oferecer um conteúdo atualizado e contextualizado em mais de 20 anos de pesquisa sobre o povo indígena.](http://www.so-</p>
</div>
<div data-bbox=)

As páginas do ISA trazem mapas das terras indígenas distribuídas por região, relação dos órgãos de apoio ao índio, lista das organizações de todas as tribos existentes e os principais direitos adquiridos pelos verdadeiros "proprietários" desta terra, mas que nem sempre são respeitados. A legislação e os projetos relacionados à causa indígena também podem ser conferidos no site da Funai (www.funai.gov.br).

A história dos índios das tribos Kamayurá e Urubu-Kaapor, localizadas nos Estados de Mato Grosso e Maranhão, respectivamente, faz parte da página www.cosmo.com.br/provedor/unesco, que mostra o trabalho reconhecido pela Unesco do fotógrafo e pesquisador Etienne Samain. Para quem gosta de aprender outras línguas, a página Dimensões da Cultura Indígena (www.tupi.carioca.net) promete oferecer um curso de tupi antigo gratuitamente por e-mail.